

O COMPÊNDIO DE PSICANÁLISE DE FREUD ENQUANTO SISTEMA MÉDICO-FILOSÓFICO

THE *OUTLINE OF PSYCHOANALYSIS* OF FREUD AS A MEDICAL-PHILOSOPHICAL SYSTEM

Douglas Chaves de Souza

Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), Mato Grosso, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0272-9642> E-mail: douglassabec@hotmail.com

Resumo: Este artigo é um estudo do *Compêndio de Psicanálise* de Freud, no qual procuro expor a importância da obra enquanto síntese doutrinal da psicanálise. Neste contexto, a estruturação do sujeito psicossomático será investigada, dando ênfase na teoria da libido e na dimensão inconsciente da personalidade. Ademais, também será analisado o Complexo de Édipo no processo de [de]formação da personalidade ao longo do desenvolvimento psicosexual. A psicanálise, embora disponha de elementos mitológicos e filosóficos, revela-se enquanto uma ciência natural com fundamentos medicinais, uma vez que Freud emprega técnicas terapêuticas para superar as psicopatologias. Por fim, a pesquisa busca verificar até que ponto Freud conseguiu aperfeiçoar sua psicologia, enquanto sistema médico-filosófico.

Palavras-chave: Freud. Psicanálise. Libido. Inconsciente. Sistema médico-filosófico.

Abstract: This article is a study of Freud's *Outline of Psychoanalysis*, in which I seek to expose the importance of the work as a doctrinal synthesis of psychoanalysis. In this context, the structuring of the psychosomatic subject will be investigated, emphasizing the theory of libido and the unconscious dimension of personality. Furthermore, the Oedipus Complex will also be analyzed in the process of personality [de]formation throughout psychosexual development. The psychoanalysis, although it has mythological and philosophical elements, reveals to be a natural science with medicinal foundations, since Freud employs therapeutic techniques to overcome psychopathologies. In the end, the search seeks to verify the extent to which Freud was able to improve his psychology, as a medical-philosophical system.

Keywords: Freud. Psychoanalysis. Libido. Unconscious. Medical-philosophical system.

INTRODUÇÃO

Abriss der Psychoanalyse é considerada uma das últimas obras de Sigmund Freud (1856-1939), podendo ser traduzida por *Compêndio de Psicanálise*, *Esboço de Psicanálise*, ou ainda, *Esquema de Psicanálise*. Ela começou a ser escrita em Viena no ano de 1938, contudo, devido a fuga de Freud do regime nazista, ela é concluída abruptamente em Londres, por causa do falecimento de Freud em 1939, e publicada postumamente na *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse und Imago* (Revista Internacional para a Psicanálise e Imagem), em 1940. O texto, considerado inacabado, foi dividido pelos editores em três partes: α) A natureza do psíquico, β) O trabalho prático e γ) O progresso teórico. Freud diz que a obra é uma exposição dogmática sobre o que é psicanálise, ou seja, busca uma síntese objetiva da teoria psicanalítica ¹.

Procuro fazer uma leitura desta obra, observando em que medida ela nos fornece uma sistematização da psicanálise, tendo em vista sua fundamentação filosófica, bem como a sua pertinência médica.

O SUJEITO PSÍQUICO E A TEORIA DA *LIBIDO*

Logo no início do tratado, Freud argumenta que a psicanálise tem duas premissas: a medicina fundamentada na biologia/fisiologia do cérebro e do sistema nervoso, mas também a alma, enquanto premissa filosófica. Entre as duas premissas, Freud identifica o Id como ponto de ligação entre o material e o espiritual, o Id é um conteúdo herdado e trazido desde o nascimento, constituído por instintos primordiais oriundos da organização somática, tendo uma expressão psíquica, porém, desconhecida formalmente. Assim, a criança recém-nascida é puro Id, contudo, na medida em que a criança interage com o mundo, ela recebe estímulos externos e desenvolve um mecanismo contra os mesmos, deste processo surge o Ego.

No Ego estão as disposições de autopreservação e os movimentos volitivos, além disso, o Ego faz a mediação tensional entre o Id e o mundo externo, sentindo dor e prazer: há dor quando aumenta a tensão entre Id e mundo, e a diminuição desta tensão, gera prazer. O Ego busca simultaneamente alcançar o prazer e fugir da dor, porém, quando há muito desprazer, devido a tensão entre Id e mundo, surge a angústia e o sentimento de perigo, isso sempre acontece, porque a existência nunca é apenas prazer, a dor é inevitável. Ademais, no período de infância, o ser

¹ “O objetivo deste pequeno trabalho é reunir os princípios da psicanálise, expondo-os, por assim dizer, dogmaticamente – da forma mais concisa e nos termos mais inequívocos” (Freud, 2018, p. 111).

humano depende essencialmente dos pais, e neste contexto, surge um terceiro elemento na alma, o Super-Ego, onde está a moral parental e os valores da cultura e da sociedade. Freud também levanta a hipótese que tal esquema do Super-Ego também esteja em animais superiores, que são evolutivamente semelhantes ao ser humano e possuem um longo período de dependência parental (gorilas, por exemplo), mas que não há estudos precisos sobre o tema, o que caberia à psicologia dos animais. Portanto, o Ego tem que lidar com diversas exigências: os instintos do Id, os valores morais do Super-Ego, e a realidade do mundo, de tal modo que o Ego é acidente destas tensões (Freud, 2018, p. 111-113).

O Id é um poder que expressa o propósito de satisfações congênicas, a força por detrás do Id é denominada impulso ou pulsão (*Trieb*), onde estão instintos (*Instinkte*) múltiplos e variados, porém, Freud reduz o turbilhão das pulsões em apenas dois: *Eros* e *Thanatos*². *Eros* corresponde ao instinto do amor, desejo de viver, criar, unificar; já *Thanatos* manifesta o instinto da morte, o desejo de morrer, querer retornar ao estado inorgânico, aniquilar. Ambos instintos estão juntos, se combinando: a destruição do alimento visa incorporá-lo ao organismo; a agressividade sexual busca a união íntima³. Ademais, a energia de *Eros* também é chamada de *libido*, isto é, o desejo sexual⁴; Freud confessa que falta um termo análogo a *libido* para a energia de *Thanatos*, mas que no decorrer das vicissitudes do desejo, também podemos identificar a *libido* com a morte e a destruição. Contudo, no Super-Ego também há tensões, através dos mecanismos de defesa, que podem gerar agressividade e autodestruição. Em síntese, *libido* são os desejos sexuais, que revelam tanto a *Eros* quanto a *Thanatos*. Sobre o conceito de *libido*, cito Freud:

É difícil afirmar algo sobre o comportamento da *libido* no Id e no Super-Ego. Tudo o que sabemos sobre isso diz respeito ao Ego, no qual inicialmente se acha

² “Após muito hesitar e oscilar, decidimos supor a existência de apenas dois instintos fundamentais, *Eros* e *Thanatos*. [...] A meta daquele é estabelecer unidades cada vez maiores e assim mantê-las, isto é, a ligação; a do segundo, ao contrário, é dissolver nexos e, assim, destruir as coisas” (Freud, 2018, p. 113-114).

Na mitologia greco-romana, *Eros* ou *Cupido* é o deus do amor. Hesíodo, na *Teogonia*, o considera filho do deus *Caos*, e lhe atribui o papel de unificador e ordenador dos elementos, possibilitando o surgimento do *Cosmos*; já Platão, no *Banquete*, diz que, além da versão de Hesíodo, *Eros* também descende de *Afrodite* (*Vênus/Amor e Beleza*), porém há duas « *Afrodites* », uma que é filha de *Urano* (*Céu*), tida por celestial, e outra que descende de *Zeus* (*Júpiter*), tida por popular, assim, há dois *Eros*: um celestial e outro popular. *Eros* popular é filho de *Afrodite* popular e *Ares* (*Marte/Guerra*), já *Eros* celestial é aquele que possibilitará contemplar o mundo inteligível e adquirir a sabedoria, através da famosa *scala amoris*. Ademais, *Apuleio* (125-170) narra que *Eros* teve um romance com *Psique* (*Alma*), que gerou *Hedone* (*Prazer*). Por sua vez, *Thanatos* ou *Tânatos* é a personificação da morte, distinto de *Hades* (*Plutão/Inferno*), que reinava sobre os mortos. De acordo com a *Teogonia* de Hesíodo, *Thanatos* é filho da união incestuosa entre os irmãos *Nix* (*Noite*) e *Érebo* (*Escuridão*), que eram filhos de *Caos*. Seu irmão gêmeo é *Hipnos* (*Sono*), daí talvez a noção de que a morte seja algo semelhante ao estado de adormecimento ou descanso.

³ Aqui Freud parece retomar aquela teoria do movimento do filósofo *Empédocles* de *Agrigento* (495 a.C.–430 a.C.), onde amor e ódio são as potências contraditórias e harmônicas que regem a *physis*, porém, Freud não aplica aos elementos naturais – fogo, ar, água e terra –, mas à mistura dos instintos primordiais do Id.

⁴ Termo utilizado conceitualmente pela primeira vez por *Santo Agostinho* (354-430), ao explicar a sexualidade humana e a transmissão do pecado original (*Agostinho. A cidade de Deus XIV. 16; XV. 15-16*).

armazenado todo o montante disponível de *libido*. A esse estado chamamos *narcisismo* absoluto, primário. Ele dura até que o Ego começa a investir de *libido* as ideias de objetos, a transformar *libido narcísica* em *libido objetal* (Freud, 2018, p. 115).

Assim, conhecemos a *libido* por seus efeitos no Ego, sendo necessário partir do efeito egóico para encontrar a causa no Id e no Super-Ego, além disso, a *libido*, enquanto desejo sexual, seja erótico ou tanático, pode ser verificada primeiramente enquanto *narcisismo*, ou seja, desejar a si mesmo⁵. A criança, que como vimos é puro Id, possui uma *libido narcísica*, e no decorrer do desenvolvimento se torna *libido objetal*, isto é, deseja outra coisa. A *libido objetal* pode ser por mobilidade (querer vários objetos ou querer uma coisa, depois querer outra coisa) ou por fixação (querer sempre a mesma coisa)⁶. A *libido* não é apenas psíquica, enquanto estrutura do sujeito, mas também somática, de tal modo que a *libido* está presente em todo corpo, e as partes onde ela se manifesta são as *zonas erógenas*: “o corpo inteiro é uma zona erógena” (Freud, 2018, p. 115).

Na sequência expositiva, Freud observa que a sexualidade não inicia na puberdade, nem que seja apenas procriação, pois existem pessoas do mesmo sexo que exercem atração recíproca (homossexuais), também existem pessoas que possuem desejos sexuais que desconsideram o sexo (perversão), além do fato de que várias crianças, desde muito cedo, mostram interesse em seus genitais e se excitam (“degeneradas”). Estas constatações mostram que a sexualidade está além do ato reprodutivo, ou seja, de algo meramente conforme às disposições fisiológicas, assim, deve-se distinguir claramente o sexual do genital e perceber o desenvolvimento psicosexual da *libido* nas zonas erógenas (Freud, 2018, p. 116). Podemos dividir o desenvolvimento em quatro fases: fase oral, fase anal, fase fálica, fase latente/genital.

A fase oral inicia imediatamente com o nascimento. Naturalmente, a boca serve para a alimentação, mas também a ação de chupar, morder, lambe o dedo e outros objetos mostra que na boca há um prazer independente da nutrição, e deve ser tida por sexual, nesta fase há também alguns impulsos sádicos decorrentes do surgimento dos dentes. Porém, é na segunda fase que aumenta o sadismo, na chamada fase anal, onde busca-se na função excretória a satisfação da

⁵ Na mitologia greco-romana, Narciso era um herói muito bonito, que despertava amor tanto em mulheres quanto em homens, até as ninfas se apaixonaram por ele, porém, ele era muito orgulhoso e menosprezava a todos. As moças desprezadas pediram aos deuses para que punissem Narciso por sua arrogância. A deusa Nêmesis o condenou a apaixonar-se por seu próprio reflexo. Quando Narciso viu sua imagem em uma lagoa, ele ficou encantado com sua beleza, até que acabou se afogando e morreu por amar a si mesmo. Freud utiliza essa narrativa para explicar a *libido* de um recém-nascido.

⁶ “Apenas no estado de completo enamoramento o montante principal da *libido* é transferido para o objeto, de certo modo o objeto se põe no lugar do Ego. Uma circunstância importante na vida é a *mobilidade* da *libido*, a facilidade com que ela passa de um objeto para outro. Contrastando com isso há a *fixação* da *libido* em certos objetos, que muitas vezes persiste por toda a vida” (Freud, 2018, p. 115).

agressividade e destruição, nesta fase há uma grande mistura entre impulsos eróticos e tanáticos. Na terceira fase há concentração no genital masculino, isto é, no pênis ou falo. Aqui, segundo Freud, o menino e a menina começam histórias diferentes. O menino começa a manipular o pênis, desperta fantasias com a mãe e sofre ameaças de castração da figura paterna, é o chamado *Complexo de Édipo*: o desejo primordial de casar com a mãe e matar o pai⁷, neste período, a criança masculina também pensa que todas as pessoas tem pênis, ou então, que todas as pessoas tem cloaca, mas quando descobre que não são todas as pessoas que tem pênis, ele fica traumatizado, e inicia a fase da latência. Por sua vez, a menina tenta fazer as mesmas coisas que o menino, mas daí ela reconhece que não tem pênis e se sente inferiorizada, sua reação a este fato consiste no afastamento da sexualidade, adentrando na fase latente; com raras exceções, a menina se reconhece em seu clitóris, assim como o menino se reconhece em seu falo. Por fim, a última fase ocorre na puberdade, onde há um primado da genital sobre as demais zonas erógenas. Todavia, Freud adverte:

Seria um erro acreditar que essas três fases sucedem uma à outra de maneira simples; uma se acrescenta à outra, elas se superpõem ou coexistem. Nas primeiras duas fases, os instintos parciais buscam independentemente o prazer, na fase fálica surgem os primórdios de uma organização que subordina os outros impulsos ao primado dos genitais e significa o começo da adequação da busca geral de prazer à função sexual. A organização completa é alcançada apenas pela puberdade, numa quarta fase, a genital (Freud, 2018, p. 118).

Assim, não devemos acreditar que as três primeiras fases – oral, anal e fálica – sucedem umas às outras linearmente, elas coexistem e variam de indivíduo para indivíduo, havendo um processo complexo, não uma simples evolução de uma fase para a outra. Somente na quarta fase o desenvolvimento da personalidade se completa, uma vez que, nesta última fase, todas as inibições pregressas se manifestam como transtornos ou perversões, havendo regressões às fases pré-genitais ou fixações em objetos e fantasias. Freud conclui que seu estudo acerca dos desejos sexuais produz uma fenomenologia da libido e uma etiológica dos transtornos.

A CIENTIFICIDADE DA PSICOLOGIA

Após expor a constituição do aparelho psíquico, a energia libidinal e as fases do desenvolvimento psicosssexual, Freud se esforça em explicar o que é a consciência. Primeiramente,

⁷ O *Complexo de Édipo* será investigado na IV parte do presente artigo.

ele argumenta esta tarefa é difícil, pois nem todo processo da consciência tem concomitância com um processo somático, assim, é preciso:

[...] supor processos físicos ou somáticos concomitantes aos psíquicos, e aos quais se deve atribuir uma maior completude do que às séries psíquicas, pois alguns deles têm processos paralelos conscientes, mas outros, não. Portanto, é plausível dar ênfase a esses processos somáticos na psicologia, reconhecer neles o propriamente psíquico e buscar uma apreciação diferente dos processos conscientes. Isso é rejeitado pela maioria dos filósofos e por muitas outras pessoas, que afirmam ser um contrassenso que algo psíquico seja inconsciente. É justamente isso que a psicanálise precisa fazer, e esta é a sua segunda hipótese fundamental. Ela explica os supostos processos concomitantes somáticos como sendo o propriamente psíquico, não considerando inicialmente a qualidade da consciência (Freud, 2018, p. 119).

A primeira hipótese afirma que o psíquico e o somático se autodeterminam e são concomitantes, isto é, se algum processo ocorre no somático deve ocorrer no psíquico, ou então, se acontece no psíquico também deve acontecer no somático; entretanto, há processos somáticos que não acontecem na consciência, portanto, deve haver uma dimensão psíquica que não é consciente; esta primeira hipótese leva à segunda hipótese: o psíquico tem uma dimensão tanto consciente quanto inconsciente, pois se todo processo no corpo está na alma e todo processo da alma está no corpo, logo, a alma é consciente e inconsciente. Parece que filosofias que negam o inconsciente são aquelas de inspiração platônica ou cartesiana, que privilegiam a razão em detrimento da sensibilidade corporal, todavia, há outras filosofias, como a aristotélica, que, embora defenda a preponderância da consciência, admite a união hilemórfica entre o psíquico e o somático⁸. Porém, a psicanálise vai mais longe, ao conceber a consciência como produto acidental do inconsciente; eis a novidade da psicanálise em relação às demais filosofias: a descoberta da primazia do inconsciente.

A constatação de que alma e corpo se autodeterminam e da primazia do inconsciente, possibilita que a psicologia, através dos esforços da psicanálise, deixe de ser apenas filosofia e passe a ser uma ciência com leis e definições, semelhante à física e à química modernas. Portanto,

⁸ A filosofia aristotélica concebe que a união entre alma e corpo seja semelhante à unidade entre forma e matéria, isto é, embora distintos, ambos são inseparáveis. Aristóteles define a alma como atualidade formal de um corpo natural orgânico: “[...] A alma não é corpo, pois o corpo não é um dos predicados do substrato, antes, ele é o substrato e matéria. É necessário, então, que a alma seja substância como forma do corpo natural que em potência tem a vida. E a substância é atualidade. Portanto, é de um corpo de tal tipo [i.e. vivo] que a alma é atualidade (Aristóteles. *De anima II*, 1; 412A 17-22). “[...] a alma é aquilo por meio do que vivemos, percebemos e pensamos. Por conseguinte, a alma é uma certa determinação e forma, e não matéria ou substrato. Pois, dizendo-se a substância de três modos, como já mencionado, dos quais um é a forma, outro a matéria e, por fim, o composto de ambas – e, destes, a matéria é potência e a forma, por sua vez, atualidade –, e já que o composto de ambas é animado, não é o corpo a atualidade da alma, ao contrário, ela que é a atualidade de um certo corpo. E por isso supõem corretamente aqueles que têm a opinião de não existir alma sem corpo e tampouco ser a alma um certo corpo” (Aristóteles. *De anima II*, 2; 414A 12-20).

a psicanálise permite levar a psicologia à categoria de ciência natural (*Naturwissenschaft*)⁹. As ciências geralmente tomam algum objeto em relação a um sujeito, por exemplo, o botânico (sujeito) investiga as plantas (objeto), um geólogo (sujeito) estuda as rochas (objeto), ou seja, o cientista se baseia nas observações e nas experiências de objetos intermediadas pelo aparelho psíquico; no caso da psicologia, Freud constata a particularidade desta nova ciência natural, pois o objeto de investigação é simultaneamente o sujeito investigador, de tal forma que o conteúdo inconsciente será racionalizado pela ciência psicológica.

Com efeito, a psicanálise assume que a alma não é totalmente consciente, mas é essencialmente inconsciente, de tal modo que a consciência é um instante do inconsciente. Segundo Freud, há três propriedades psíquicas: 1. conscientes (intelecção); 2. pré-conscientes (inconsciente capaz de consciência, havendo memória/esquecimento); 3. inconscientes (libido). Freud explica as propriedades, através das relações entre Id e Ego:

Originalmente tudo era Id, o Ego foi desenvolvido a partir do Id, pela contínua influência do mundo externo. No curso desse lento desenvolvimento, determinados conteúdos do Id foram mudados para o estado pré-consciente e assim recebidos no Ego. Outros permaneceram inalterados no Id, constituindo seu núcleo de difícil acesso. Durante esse desenvolvimento, porém, o jovem e fraco Ego fez novamente retornar ao estado inconsciente certos conteúdos já recebidos, abandonou-os, e agiu da mesma forma com várias novas impressões que poderia ter acolhido, de maneira que estas, rechaçadas, apenas no Id puderam deixar traço. A essa última porção do Id chamamos, considerando sua gênese, o reprimido. Não importa muito que nem sempre possamos distinguir claramente entre as duas categorias no interior do Id. Elas coincidem aproximadamente com a divisão entre o congênito e o adquirido ao longo do desenvolvimento do Ego (Freud, 2018, p. 123-124).

O Ego é consciente e pré-consciente, mas o Id é plenamente inconsciente. Idealmente, através de esforços do pré-consciente e com o auxílio do analista, o sujeito toma consciência dos conteúdos inconscientes, reconhecendo os processos repressivos que constituem seu Ego, enquanto uma autoconsciência; mas pode acontecer que os conteúdos conscientes se tornem inconscientes, havendo regressões, o que pode causar transtornos neuróticos, ou então, num grau mais profundo, desencadear psicoses. Além disso, não devemos confundir mundo externo e

⁹ “Enquanto a psicologia da consciência nunca foi além daquelas séries com lacunas, obviamente dependentes de outra coisa, a nova concepção — de que o psíquico é inconsciente em si — permite conformar a psicologia numa ciência natural como qualquer outra. Os processos de que ela se ocupa são, em si, tão incognoscíveis como os das demais ciências, a química ou a física, mas é possível constatar as leis a que obedecem, observar suas relações mútuas e dependências por largos trechos ininterruptamente, ou seja, aquilo que se denomina compreensão da esfera dos fenômenos naturais em questão. [...] Portanto, corresponde inteiramente à nossa expectativa que os conceitos fundamentais da nova ciência, seus princípios (*Trieb*, energia nervosa etc.), permaneçam tão indeterminados, por um tempo considerável, quanto os das ciências mais velhas (força, massa, atração)” (Freud, 2018, p. 120).

realidade, pois, na alucinação, por exemplo, a realidade se mostra totalmente diferente do mundo externo: a realidade é o que o sujeito percebe, ou seja, aquilo que é propriamente psicológico, e não a coisa em si mesma. As relações entre Id e Ego se mostram enquanto um “autêntico enigma da coisa psíquica” (Freud, 2018, p. 124), porque faltam analogias com outras formas de energia (mecânica, térmica, elétrica, etc.) para descrever a energia libidinal, contudo, há uma *dinâmica* de mudança entre as propriedades, do inconsciente para o consciente, ou, do consciente para o inconsciente, ambos com a mediação da propriedade pré-consciente.

O Ego e o Super-Ego funcionam juntos e em relativa concordância, estudar a harmonia não traria muitos ganhos teóricos, assim, deve-se investigar os conflitos e tumultos entre Id e Ego. Para Freud, o estado de sono permite o estudo mais propício das relações entre consciente e inconsciente. De maneira geral, durante a vigília, o Ego inibe a manifestação dos conteúdos inconscientes, mas no estado onírico há uma espécie de retorno do Ego à sua gênese inconsciente e os desejos ou impulsos instintuais do Id são manifestados no sonho, isto é, o Id é mais livre. Esta desinibição do sonho é descrita enquanto “retorno ao útero materno” (Freud, 2018, p. 125). Através da *memória onírica*, temos algumas evidências da manifestação ‘lúcida’ do Id nos sonhos: as lembranças inacessíveis durante a vigília; a apresentação de símbolos desconhecidos; a reprodução de impressões da infância, que não foram apenas esquecidas, mas sobretudo reprimidas; a lembrança arcaica influenciada pelas vivências dos ancestrais, como velhos mitos e conteúdos primordiais, que constituem uma fonte sobre a pré-história humana. Assim, apenas pela via onírica descobrimos os verdadeiros desejos e sua *elaboração*, além disso, parece que o sonho é uma *reminiscência do inconsciente*, não apenas individual, mas também primordial.

Com efeito, as leis que regem o estado de sono são ilógicas, ou seja, elas não admitem leis lógicas tais como o princípio de identidade ou o princípio de não-contradição¹⁰. Desta forma, é difícil *interpretar* os sonhos, pois há muitas ambiguidades e confusões nos conteúdos oníricos, uma vez que o sonho não possui um conteúdo exato e não é lógico, assim, uma interpretação dos sonhos mais simples será por meio de *adivinhações*, relacionando as imagens oníricas com a satisfação dos desejos, uma vez que o sonho é a satisfação de que o desejo se realize, contudo, o que é uma satisfação para o Id inconsciente pode ser, justamente, um motivo de angústia para o Ego, por exemplo: um homem sonhou que estava tendo uma relação proibida com a esposa de seu

¹⁰ Em lógica, o princípio de identidade afirma que a coisa é a coisa mesma, ou seja, A é A, exemplos, árvore é árvore; mesa é mesa; cadeira é cadeira; 5 é 5; o que é, é. Por sua vez, o princípio de não-contradição diz ser impossível que A seja não A, e simultaneamente, A não seja A, exemplos, é impossível que a bola seja redonda e simultaneamente a bola não seja redonda; é impossível que 5 seja 5 e simultaneamente 5 não seja 5; é impossível que o que é, é, e simultaneamente, o que é, não é. Estes princípios lógicos não existem nos sonhos, pois, por exemplo, uma mesa pode ser um animal (não havendo identidade), ou ainda, uma mesa pode ser redonda e quadrada simultaneamente (não havendo não-contradição).

amigo, para o Id isso é satisfatório, mas para o Ego pode ser angustiante, uma vez que ele é amigo do marido; ou ainda, uma pessoa sonhou que estava com fome, ele pode se alimentar numa refeição onírica e satisfazer seu desejo, mas quando a mesma pessoa sabe que está desempregada e não pode ter um banquete, a inibição do desejo se torna um pesadelo no sonho e uma angústia na vigília. Assim, as propriedades psíquicas (inconsciente, pré-consciente e consciente), bem como a interpretação correta dos conteúdos oníricos são de extrema importância para o desenvolvimento da investigação psicológica e para a compreensão causal dos enigmáticos sintomas das neuroses e das psicoses (Freud, 2018, p. 125-129).

PSICOPATOLOGIAS, TERAPIA E COMPLEXOS

Freud diz que, além de um retorno ao útero materno, “o sonho é uma psicose, com todos os absurdos, delírios e ilusões sensoriais de uma psicose” (Freud, 2018, p. 130). Assim, o sonho é um retorno à propriedade inconsciente e primordial. A grande questão é como curar o Ego de suas perturbações. Sabemos que o Ego tem a tarefa de cumprir as solicitações do Id, do Super-Ego e da realidade, de tal forma que as psicopatologias ocorrem quando o Ego não é autônomo perante estas exigências. De maneira geral, podemos dizer que há pelo menos duas psicopatologias, a saber, a *neurose* enquanto rejeição a si mesmo e a *psicose* enquanto rejeição à realidade. Segundo Freud, Id e o Super-Ego se unem para derrotar o Ego, daí ele sucumbe diante da realidade, em uma psicose:

Os dois primeiros [Id e Super-Ego] se tornando fortes demais, conseguem afrouxar e alterar a organização do Ego, de maneira que sua relação correta com a realidade é perturbada ou até mesmo rompida. Constatamos isso no sonho; quando o Ego se desprende da realidade do mundo exterior, sucumbe à psicose, sob a influência do mundo interior (Freud, 2018, p. 130).

O Ego está debilitado diante do conflito interior, como em uma guerra, assim, o analista deve, enquanto aliado externo, ajudar o Ego a vencer as exigências instintuais do Id e a moralidade inibidora do Super-Ego. O analista e o sujeito enfermo devem selar um *pacto*. Contudo, no caso do psicótico é quase impossível de haver cura, uma vez que ele é hostil à realidade externa, e nunca aceitará o *pacto*; todavia, no caso do neurótico, a psicanálise pode conduzi-lo à saúde psíquica através do *pacto* (Freud, 2018, p. 130-131). Freud diz que no *pacto* deve haver franqueza e sinceridade por parte do sujeito e total discrição por parte do analista; assim, o analista é um confessor secular, ou seja, o sujeito deve contar o que sabe, uma espécie de “confissão dos

pecados”¹¹; porém, Freud vai além da confissão tradicional, pois ele exige que o sujeito diga não apenas o que ele *sabe*, também o que ele *não sabe*. O conteúdo inconsciente se revela no estado onírico, e assim, *saber o que não se sabe*, pode ser induzido por livre associação de ideias (substituta da hipnose¹²), onde os atos falhos surgem e o analista descobre a causa inconsciente dos conflitos que afligem o neurótico.

No *pacto*, o sujeito deve se entregar ao analista, dizendo o que ele sabe e não sabe sobre si mesmo, neste contexto, além da confissão tradicional e da livre-associação, há uma terceira técnica, a *transferência*, aonde o analista assume a figura de genitor (autoridade primordial, pai, mãe), e daí o analista pode gerar um novo Super-Ego na pessoa. A transferência, embora muito útil e valiosa para vencer a guerra interna da pessoa neurótica, pode ser perigosa quando há domínio e servidão, ou seja, o analista não deve ser mestre do paciente (embora seja algo tentador), mas deve auxiliá-lo a vencer o sofrimento, isto é, o analista deve fortificar o Ego do sujeito neurótico. Além disso, a transferência deve ser mediada apenas pela confissão e conversa, todavia, ela pode vir a ser satisfação, uma vez que, ao assumir a figura de genitor, o analista se torna fonte de desejo no paciente, ou seja, surge no paciente a projeção de desejo sobre o analista, e quando tal projeção não é correspondida, pode emergir uma hostilidade do paciente em relação ao analista¹³. Freud recomenda que o analista não satisfaça o paciente, isto é, não deve ocorrer relação sexual entre analista e paciente, ou qualquer outra forma de satisfação, e quando for concedida, deve ser com extrema parcimônia. É preciso que o analista respeite a individualidade do paciente e não se deixe ser enamorado ou hostilizado por ele. Freud adverte que as transferências devem

¹¹ Foucault (1926-1984) diz que o sacramento da confissão cristã transpôs a sexualidade em discurso, isto é, enquanto produtora de verdade, chegando a se tornar, ao longo dos séculos, uma *scientia sexualis*. Assim, há uma semelhança formal entre os pecados e as psicopatologias, na medida em que o sacerdote (seja o padre medieval ou o médico contemporâneo) visa o controle dos corpos. Todavia, a psicanálise se distingue das demais terapias, pois ela não visa apenas alcançar à *vita salus* (vida saudável, salvação, saúde), mas também se propõe a uma crítica da cultura e da civilização. Cf. Foucault, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque & J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

¹² Segundo a professora Peron, inicialmente, Freud utilizava a hipnose, oriunda de Charcot, como técnica para alterar os processos psíquicos do sujeito, mas, posteriormente, ele recorre à livre associação como nova forma de tratamento, e a hipnose passa a ser apenas um meio de iniciar a rememoração, não a cura em si. “Freud logo abandona a hipnose em favor de uma nova técnica de tratamento: a associação livre, pois percebera que a hipnose constituía apenas um meio de introduzir a rememoração fundamental para a cura” (Peron, 2004, p. 38). Hipnose provém da palavra grega *Hipnos* (divindade do sono, Cf. nota 2) e basicamente consiste na técnica de colocar uma pessoa em estado de sono para acessar os conteúdos inconscientes de sua psique por sugestões, por sua vez, a livre associação consiste em deitar o paciente em um divã e encorajá-lo a dizer o que viesse à mente e também relatando seus sonhos. Desta forma, a hipnose não permitia que o paciente se apropriasse da etiologia de seu trauma, uma vez que o mesmo não recordava do trauma após sair do transe hipnótico, ao passo que a livre associação permite relativa autonomia do sujeito no processo terapêutico.

¹³ “A cura já não podia ser explicada unicamente pela energética sexual. [...] A transferência seria a revivescência de movimentos sexuais inconscientes. Estaria na origem das resistências e seria, ao mesmo tempo, agente de cura. Ambivalente, comportaria atitudes ternas positivas e agressivas negativas para com o analista, este geralmente colocado pelo paciente no lugar dos pais” (Beauchesne, 1989, p. 88).

ocorrer exclusivamente nas sessões terapêuticas, onde é suspendida a moralização das anormalidades, também aconselha ao analista a não utilizar muito cedo a *adivinhação* ou *interpretação*, mas somente após algumas sessões, pois revelar os conteúdos inconscientes à pessoa enferma pode gerar hostilidade e agressividade, por meio da resistência do Ego (Freud, 2018, p. 132-136).

A neurose é o sentimento de culpa, isto é, a angústia, decorrente de um Super-Ego muito hostil aos desejos do Id. Há dois caminhos de destruição egóica no neurótico, a resignação ou o suicídio; a terapia deve impedir que a destruição aconteça, e para isso, valendo-se das técnicas (confissão, livre-associação e transferência) deve demolir o antigo Super-Ego e fortificar o Ego, havendo a *sublimação*, que consiste em transmutar a energia libidinal do Id em hábitos socialmente aceitos e em disposições intelectuais, a fim de que o sujeito neurótico possa viver de maneira menos conflituosa consigo mesmo. Ademais, Freud diz que no futuro, talvez, novas drogas possam surgir, mas que no momento, embora com suas limitações, temos a psicanálise para realizar a cura (Freud, 2018, p. 137-138).

Com efeito, Freud reitera que é impossível curar a psicose, apenas a neurose¹⁴. A neurose essencialmente é a angústia, provocada pela desarmonia das potências anímicas; é preciso encontrar as causas específicas da neurose em cada sujeito, a etiologia dos transtornos, através dos traumas infantis. Segundo Freud, a causa dos traumas geralmente surge da repressão cultural do Super-Ego, no caso da civilização ocidental moderna e seus valores, a repressão é expressa nas diversas instituições sociais, sobretudo na família. Assim, a neurose é fruto de processos socioculturais, de tal forma que onde não há civilização, quase nunca há neurose, porque, “para o bárbaro, pelo que vemos, é fácil permanecer sadio; para o homem civilizado, é uma árdua tarefa” (Freud, 2018, p. 140). A energia libidinal é natural, porém a repressão desta energia provém da cultura, ou seja, a cultura reprime a sexualidade. No plano biológico, é evidente que o sexo está completo no menino com a excitação do falo e na menina com o ciclo menstrual, mas a biologia é insuficiente para explicar a causa dos transtornos, pois eles são socioculturais. Assim, a sexualidade está além do sexo, sendo necessário encontrar as causas das neuroses no período da infância, porque geralmente elas estão associadas às vivências traumáticas sexuais, que acontecem na família, por exemplo, ser abusada sexualmente por adultos (tio, primo, etc.); ser seduzida por crianças mais velhas (irmãos e irmãs); ser testemunha visual ou auditiva de atos sexuais

¹⁴ “As neuroses e psicoses são os estados em que se manifestam os distúrbios no funcionamento do aparelho. Como objeto de estudo escolhemos as neuroses, pois somente elas parecem acessíveis aos métodos psicológicos de nossa intervenção” (Freud, 2018, p. 138).

(geralmente dos pais). Estas impressões sucumbem imediatamente à repressão egóica, e quando retornam como lembrança, produzem a condição para a compulsão neurótica, que tornará o Ego impotente no controle da função sexual, e provavelmente fará com que o indivíduo se afaste permanentemente dos atos sexuais. Esta reação de afastamento ao sexo terá por consequência uma neurose; não ocorrendo esta, várias perversões se formarão ou haverá a completa indisciplina dessa função extraordinariamente importante não só para a reprodução, mas para toda a configuração da vida, ou seja, o trauma pode se tornar neurose, psicose ou perversão (Freud, 2018, p. 140-142).

O esquema cultural-familiar que pode explicar satisfatoriamente a [de]formação da personalidade é o *Complexo de Édipo*. Freud retoma a narrativa do poeta grego Sófocles, que, em linhas gerais, narra a trágica história de Édipo, que é predestinado a matar seu pai e casar com sua mãe¹⁵. Segundo Freud, todas as pessoas possuem o *Complexo de Édipo*. Como sabemos, primeiro erotismo da criança ocorre na fase oral, onde o amor apoia-se no seio materno, que satisfaz a necessidade de nutrição; a criança não distingue o seio de seu próprio corpo, enquanto *narcisismo*, porém, após um tempo, a criança distingue sua boca do seio materno, tornando o seio um objeto de desejo, *libido objetal*. Com o crescimento da criança, o desejo pelo seio se transforma em desejo pela mãe, que não apenas alimenta, mas também cuida da criança (a higienização do corpo, e sobretudo do ânus), assim, a mãe se torna a primeira sedutora da criança. Posteriormente, o menino entra na fase fálica, começa a estimular o pênis, e torna-se amante da mãe, isto é, deseja possuí-la fisicamente e procura seduzir sua mãe mostrando seu membro viril, de cuja posse sente orgulho; neste contexto, o menino sente inveja do pai e busca substituí-lo, pois o pai possui a mãe, e ele não. Porém, observando esta excitação em seu filho, a mãe proíbe o garoto de manipular o pênis, e ameaça-o dizendo que o pai cortará seu membro fora; este medo destrói o *Complexo de Édipo* e origina o *Complexo de Castração*. Freud identifica a cegueira de Édipo, que ele teve após descobrir que realmente assassinou o pai e desposou a mãe, como equivalente simbólico do *Complexo de Castração*, sendo uma repressão aterrorizante, que culmina num esquecimento. Além disso, ele diz que a antiquíssima prática da circuncisão judaica também é outro sucedâneo simbólico da castração, sendo a masturbação tida por pecado e expressão da submissão à vontade do pai. Com o advento do *Complexo de Castração*, todas as relações do menino com sua família são modificadas, ele renuncia à posse da mãe e se torna submisso à figura paterna, ou seja, ele toma para si mesmo a postura que mãe tem em relação ao pai. O garoto abandona a excitação manual, mas cria fantasias, além de desenvolver sua parte feminina, tendo medo e ódio ao pai, enquanto mecanismo defensivo. Já a menina, após tentar se igualar ao menino, reconhece que não tem pênis,

¹⁵ Cf. Sófocles. *A trilogia tebana: Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona*. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ela tenta se masturbar, mas não consegue, e assim, se afasta da atividade sexual, porém, se persistir no desejo inicial de se tornar um menino, em caso extremo terminará como homossexual, e exibirá traços masculinos em sua vida adulta. Em geral, por não ter pênis, a garota cria o desejo de dispor do pênis do pai, e acaba se afastando da mãe, pois a mãe não permitiria tal ato, deste modo, o desejo pelo pai se transforma em desejo de ter um filho do pai; a menina rivaliza com a mãe, por ciúme e por sentir-se ofendida pelo pênis que lhe foi recusado, de tal forma que na vida adulta, a mulher escolherá um marido conforme características de seu pai e estará disposta a reconhecer a autoridade deste. Portanto, o *Complexo de Édipo* se configura diferente na mulher e no homem, neste último, a ameaça da castração põe fim no *Complexo de Édipo*, e na mulher, ao contrário, a falta de pênis a empurra para seu *Complexo de Édipo* (ou *Complexo de Electra*¹⁶). Em síntese, a mulher quer um pênis para si e o homem teme perder o seu pênis (Freud, 2018, p. 142-147).

No final do texto, juntamente com uma recapitulação dos temas tratados, Freud explica a perversão. O *fetichismo* é o tipo de perversão mais comum, geralmente acontece em homens: o medo da castração faz com que o homem deseje que seu pênis sempre exista, e quando percebe que a mulher foi “castrada”, ele tem medo que isso ocorra com ele também, daí ele cria fantasias sexuais através de um desvio da norma sexual, ou seja, ele toma uma parte do corpo ou um objeto e lhe atribui o papel de pênis, enquanto um sucedâneo simbólico. O pervertido, se tiver um Ego forte não sofrerá, mas se seu Ego for fraco, ele se angustiará, isto é, terá uma neurose, devido inibição moralizadora de seu Super-Ego. Freud identifica o Super-Ego à *consciência moral*, que ordena e orienta, mas também ameaça com castigos e punições; embora o Super-Ego surja dos *complexos* oriundos das relações familiares e civilizatórias, ele também, assim como pensam os crentes e alguns filósofos, possui um caráter simultaneamente *interior e superior* (Freud, 2018, p. 153-155).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos que o *Compêndio de Psicanálise* é uma obra que expõe os principais pontos da teoria freudiana de modo sistemático, sendo extremamente útil e fértil para os iniciantes nos estudos da psicanálise. A descoberta psicanalítica do inconsciente trouxe ganhos teóricos, na medida em que a psicologia deixa de ser “apenas filosofia”, e passa a ser uma ciência natural. Na investigação da estrutura psíquica interior, o Id manifesta os instintos orgânicos e ilógicos, regidos

¹⁶ Na mitologia grega, Electra é filha de Agamenon e Clitemnestra; junto com o irmão, Orestes, ela vingou a morte do pai, que fora assassinado pela mãe e o seu amante, Egisto. Assim, a filha mata a mãe por causa do pai. O nome *Complexo de Electra* para o *Complexo de Édipo* feminino foi sugerido por Carl Gustav Jung (1875-1961), contudo, Freud se manifestou contra o seu uso.

por força primordial, que é a *libido*, composta por *Eros* e *Thanatos*; o Id deseja infinitamente o prazer, que invariavelmente também gera dor. Todavia, o Ego busca segurança e autopreservação, e não se entregará a todas as exigências do Id.

Os valores civilizatórios restringem a sexualidade, através de mecanismos de defesas postos no sujeito ao longo de seu desenvolvimento psicosssexual, pelos *complexos*, que possuem origem familiar e reprimem moralmente os desejos do Id, isto é, o Super-Ego. Nestes processos, surgem neuroses, psicoses ou perversões. Também constatamos que é possível acessar conteúdos reprimidos do inconsciente através da confissão e da memória onírica, de tal forma que a terapia, sobretudo a técnica da *transferência*, pode auxiliar os neuróticos e os pervertidos, mas dificilmente poderá curar os psicóticos; desta forma, assim como o oráculo de Delfos, que lembra Édipo de seu destino, o analista possibilitará ao adulto rememorar seus desejos primordiais, isto é, “conhece-te a ti mesmo”.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *De anima*. Tradução: Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2006.

BEAUCHESNE, Hervé. *História da Psicopatologia*. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

DESCARTES, René. *Meditações sobre Filosofia Primeira*. Tradução: Fausto Castilho. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade; Análise fragmentária de uma histeria [“o caso Dora”] e outros textos (1901-1905)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. (Obras Completas, v. 6).

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque & J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

FREUD, Sigmund. *Moisés e o Monoteísmo; Compêndio de Psicanálise e outros textos (1937-1939)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. (Obras Completas, v. 19).

HESÍODO. *Obras y Fragmentos [Teogonía – Trabajos y Días – Escudo – Fragmentos – Certamen]*. Tradução: Aurélio P. Jiménez & Alfonso Martínez. Madrid: Editorial Gredos, 1978.

PERON, Paula Regina. Da sugestão à análise da transferência: a noção de cura psicanalítica no início da obra freudiana. *Revista Mental*. ano 2, n. 2. p. 35-53. Barbacena/MG, 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/mental/v2n2/v2n2a04.pdf>. Acesso em: 26 maio 2024.

Douglas Chaves de Souza

PLATÃO. *Banquete, Fédon, Sofista, Político*. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha e Tradução: José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat & João Cruz Costa. São Paulo: Nova Cultura, 1991. (Coleção Os Pensadores).

SANTO AGOSTINHO. *A Cidade de Deus*. Tradução: Oscar Paes Leme. Petrópolis: Vozes, 2012.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Tradução: Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 2011.

SÓFOCLES. *A trilogia tebana: Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona*. Tradução: Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

Recebido em: 28/07/2024.

Aprovado em: 01/12/2024.